

7º Seminário Ibero-americano

# ARQUITETURA e DOCUMENTAÇÃO

BELO HORIZONTE \_\_\_\_\_ MG

6 A 8. OUTUBRO. 2021

## **EIXO TEMÁTICO**

### **ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO: A PESQUISA NA ÁREA DA HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DO URBANISMO**

#### **DO PAPEL À CIDADE, DA CIDADE AO PAPEL (E OUTRAS MATERIALIDADES):**

#### **Art Déco popular como patrimônio gráfico brasileiro**

#### **GOULART, Fernanda. (1); VIANA, Alice. (2)**

1. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Desenho  
Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901  
nandagg@uol.com.br

2. Universidade do Estado de Santa Catarina. Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
R. Cel. Fernandes Martins, 270 - Progresso, Laguna - SC, 88790-000  
alice\_viana@yahoo.com.br

#### **RESUMO**

Tomando como aporte as obras *A persistência dos rastros* - dissertação e livro de Alice de Oliveira Viana - e *A cidade e sua lírica geometria decorativa* - pesquisa de pós-doutorado e livro de artista de Fernanda Goulart - esse artigo reforçará a importância da documentação e do inventário como instrumentos de preservação da arquitetura *Art Déco* no Brasil, sobretudo aquela de caráter popular. Ambas as pesquisas - a primeira em Florianópolis/SC e a segunda em Belo Horizonte/MG - se utilizam do inventário para conhecer e divulgar, por meio editorial, a arquitetura *Art Déco* das cidades referidas, e dão especial ênfase às edificações não tombadas e construídas por arquitetos não diplomados nos anos 30 e 40. Através desse recorte, as autoras destacam a diversidade e riqueza compositiva dessas edificações, a despeito de sua economia e simplicidade formais, cuja tipologia foi e está tão disseminada quanto ameaçada pela demolição em todo o país. Destaca-se, ainda, em ambos os objetos gráficos - um de viés mais acadêmico e outro mais experimental - conexões singulares entre a arquitetura *Art Déco* popular e as Artes Visuais, seja a partir do aporte teórico e histórico de que se vale a pesquisa de Alice Viana, seja a partir das experimentações gráficas que, no projeto de Fernanda Goulart, propõem novas abordagens metodológicas, que convidam a ressignificar e transfigurar a memória das cidades.

**Palavras-chave:** Artes Gráficas, Arquitetura, memória gráfica, *Art Déco*, arquitetura popular

## Arquitetura popular (e) Déco brasileira: encontros interdisciplinares

As pesquisas que apresentaremos neste artigo se propõem a olhar para um objeto empírico comum, apesar de se situarem, pesquisas e objetos, em duas cidades bastante diferentes. Tratam-se das edificações em linguagem *Art Déco* das cidades de Florianópolis e Belo Horizonte, mas com uma especificidade: não terem sido alvo, ao menos ainda, de ações mais efetivas de proteção e tombamento pelas políticas públicas patrimoniais. Em momentos diferentes de nossas trajetórias acadêmicas, escolhemos estudar edifícios que carregam certos traços do *Art Déco*, em detrimento da grandiosa arquitetura oficialmente reconhecida como portadora do estilo, já muito conhecida e abordada historicamente. As fachadas dessas construções que estudamos têm em comum um vocabulário formal restrito, expresso pela repetição dos mesmos poucos elementos geométricos em relevo. São, por isso, distintas da maioria dos prédios tombados, em sua maioria edifícios institucionais e públicos, monumentais, que foram excluídos de nossa amostragem e que trazem marcas inconfundíveis e internacionais do estilo, tais como revestimentos e ornamentos em pedras e outros materiais nobres, grandiosas formas aerodinâmicas, escalonamentos contrastados de volumes, representações figurativas ou abstratas de culturas distantes e exóticas, dentre outras tipicidades. Na arquitetura pesquisada por nós, o que se mostra como resultado é, surpreendentemente, uma infinidade de composições ornamentais feitas a partir de uma paleta extremamente simplificada, composta sobretudo por círculos, quadrados, losangos, retângulos e linhas. A gramática abstrata estampada nessas fachadas conquistou o gosto popular não apenas nessas duas cidades em que vivemos e investigamos, mas em todo o país. Sua simplicidade formal e inventiva é, em grande parte, resultante do trabalho criativo executado pelas mãos de construtores anônimos que deixaram suas marcas em uma incalculável quantidade de cidades brasileiras, e por isso a chamaremos aqui de arquitetura Déco popular<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Sabemos que nem o Art Déco nem o popular são noções estanques, de exata denominação. Juntos então, alguma polêmica há de se estabelecer, e nesse sentido aparece na bibliografia especializada algum tipo de questionamento sobre ser ou não Art Déco essa arquitetura que se espalhou pelo Brasil, e que nos interessa tanto. Falaremos, assim, ao longo do artigo, também em linguagem e estilema Art Déco, para nos referirmos à proximidade desse tipo de arquitetura com a oficial, que por si só também se confunde com a arquitetura Eclética e Protomoderna. A esse respeito, ver Weimer (2010), "O conceito de Art Déco", e Rossi (2010), "Art Déco Sertanejo e uma revitalização possível: programa Campina Grande Déco".



À esquerda, sobrado na rua Bonfim, em Belo Horizonte e à direita, sobrado na rua Trajano, em Florianópolis.

A partir dos anos 30, muitas cidades brasileiras, como é o caso de Florianópolis e Belo Horizonte, tiveram um *boom* de crescimento, e é nesse momento que o *Déco* foi adotado como emblema de modernidade, mas também de economia. Um modismo que possibilitou a construção de imponentes edifícios institucionais, mas também de inúmeros sobrados comerciais e de uma diversidade incontável de residências influenciadas pelo estilo. Como explicam Castriota e Passos, o *Art Déco* trouxe para a arquitetura "uma síntese figurativa que, incorporando soluções formais de vanguarda, consegue criar um amplo repertório de imagens de fácil assimilação entre as camadas da população" (ARACIL apud CASTRIOTA & PASSOS, p. 146, 1998).

A arquitetura popular - cujo próprio conceito já é controverso - é objeto de ricos debates na academia, no cruzamento entre saberes intuitivos, singulares, "táticos" - na acepção de Michel De Certeau (2002) - e a voz daqueles que detêm o conhecimento erudito, "estratégico" (conforme Certeau), científico, intencional, sejam historiadores, arquitetos, artistas, antropólogos etc. No diálogo entre essas vozes, há contaminações recíprocas, entre a arquitetura feita por gente economicamente "desfavorecida" e aquela projetada por arquitetos atentos ao contexto cultural, social, ambiental, e às tradições (em vez das rupturas, como poderiam desejar alguns modernos). Tradição que muitas vezes se opõe à criatividade, como nos provoca Weimer, plástica que é resultado antes de ser intenção. Desconfiamos que seja assim com essas inumeráveis composições abstratas espalhadas

por todo o Brasil, arquiteturas que deixam sua condição vernacular para se contaminarem pelo urbano, pela estética geométrica das máquinas mas também do primitivo, diluindo as fronteiras entre esse e o moderno. Em se tratando de apropriações realizadas por sujeitos que assimilaram a cultura visual à época em voga e devolveram à cidade algo de outra ordem, cultura ou natureza, acreditamos que seja necessário pensar e projetar formas concretas de preservação e documentação desse acervo inumerável que tanto revela sobre a identidade cultural brasileira.

Apesar dos objetos de estudo comuns, são dispositivos de documentação distintos que lançamos mão e que apresentaremos aqui. Em sua pesquisa de mestrado, a arquiteta e professora Alice Viana empreendeu extensa catalogação da arquitetura Art Déco florianopolitana, reunindo arsenal imagético advindo de fontes e registros que se encontravam dispersos e inacessíveis em instituições e na própria cidade. A partir desse levantamento, divulgou texto dissertativo e imagens em livro publicado pela editora UDESC, em 2011, cujo título é *A persistência dos rastros. Manifestações do Art Déco na arquitetura de Florianópolis*, que será mais detalhado adiante. Já para a artista visual e professora Fernanda Goulart, o estudo dessa arquitetura se deu como desdobramento de sua tese de doutorado, resultante de um extenso inventário das formas ornamentais da serralheria artística integrada à arquitetura<sup>2</sup>. Foi no trabalho de campo - ou, se preferirmos, no caminhar e no olhar atento ao passado que, na cidade, se apresenta e sobrevive, e que também marca o trabalho de Viana - que Goulart se deixou afetar e começou a registrar a arquitetura Art Déco belorizontina. Em ambas as pesquisas dessa autora as superfícies ornamentais urbanas são traduzidas criativamente em linguagem gráfica, como forma de documentar, mas também de criar uma memória gráfica urbana. A memória gráfica da arquitetura - tema e linguagem<sup>3</sup> caros aos estudos sobre a documentação do patrimônio, que tanto importam a este evento - é algo que conecta os dois trabalhos, já que Alice Viana se preocupou em buscar desenhos de fachadas e de projetos Art Déco e Fernanda Goulart em reconstruir sua memória gráfica, através de desenhos feitos a partir das formas já construídas, em seu

---

<sup>2</sup> "Urbano Ornamento: um inventário de grades ornamentais (e outras belezas)" é o título da tese de doutorado de Ferannda Goulart, cujo inventário se desdobrou em livro homônimo. Esta pesquisa foi apresentada no ArqDoc em duas etapas e edições do evento. Ver nas referências bibliográficas GOULART (2014) e GOULART (2010).

<sup>3</sup> O conceito de memória gráfica tem sido utilizado por pesquisadores no campo do Design para reavaliar artefatos gráficos, em sua maioria impressos efêmeros, bem como suportes e técnicas a eles vinculados, que já não se encontram mais em circulação. A memória de tais objetos e imagens, muitas vezes de caráter vernacular, popular e anônimo, seria responsável por contribuir com a construção de uma identidade local e, conseqüentemente, por ajudar a compreender a história do design brasileiro, e ampliar seu espectro de objetos. Tratados, projetos, esboços, plantas, fotografias, inventários e dossiês de tombamento fazem parte da memória gráfica arquitetônica, mas também poderíamos falar em um patrimônio gráfico arquitetural, o qual, se não são tão efêmero quanto os impressos, têm sido destruídos com velocidade maior do que se pode esperar, em função dos processos de demolição nas grandes cidades, o que os torna, carentes de iniciativas de proteção, ainda que seja de sua memória.

trabalho intitulado *A cidade e sua lírica geometria decorativa*, que também será apresentado aqui.

*A persistência dos rastros* é fruto editorial de uma pesquisa interdisciplinar<sup>4</sup> relevante no contexto dos estudos brasileiros sobre o Art Déco. Foi através dele que nos encontramos, pois o livro de Viana foi referência bibliográfica explícita para os estudos da pesquisadora-artista que procura atualmente, em seu pós-doutoramento (em curso na ocasião dessa escrita e sob a supervisão de Viana), observar esse tipo de arquitetura com as lentes das Artes. Interdisciplinaridade e afeto comum pelo Art Déco popular interseccionam as pesquisas que apresentaremos aqui, além da compreensão de ambas acerca da necessidade e importância da preservação de sua memória, tão cara à configuração da identidade cultural brasileira. A seguir, cada uma de nós apresentará brevemente sua pesquisa para, ao final, retomarmos, na conclusão deste artigo, nosso argumento comum.

## **A persistência dos rastros**

Em *A persistência dos rastros: manifestações do Art Déco na arquitetura de Florianópolis*, me propus a estudar expressões da arquitetura de linguagem Art Déco do centro da capital catarinense, característica da modernidade que se configurou a partir dos anos trinta. A motivação deste estudo, que em 2021 já conta com mais de uma década, partira de uma simples constatação de estudante: o Art Déco consiste em uma recorrência arquitetônica em muitas cidades brasileiras, configurando a imagem urbana - uma rica imagem, por sinal - de muitos núcleos e periferias de cidades Brasil afora. Apesar desta recorrência, pode-se dizer que é uma linguagem que ainda pouco figura nos manuais de história da arquitetura brasileira.

O estudo foi realizado com variada pesquisa bibliográfica, contando com aportes tanto do campo da Arquitetura quanto das Artes Visuais, que possibilitaram investigar essas fachadas enquanto imagem. Também foram importantes os textos oficiais do órgão de preservação municipal, que permitiram a compreensão dos valores vinculados a estas construções pela municipalidade. Talvez a grande contribuição da pesquisa tanto para o campo de estudos quanto para a cidade de Florianópolis esteja no levantamento fotográfico realizado. Foram registradas arquiteturas Déco ainda existentes à época, assim como

---

<sup>4</sup> Para além do inventário que realiza da arquitetura Déco de Florianópolis, em seu livro Alice Viana elabora reflexões ancoradas em perspectivas filosóficas e históricas em profundo diálogo com o campo das Artes Plásticas, como veremos.

escaneados projetos desenhados nesta linguagem, que faziam parte do acervo da então Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos de Florianópolis (SUSP). Tais fontes serviram tanto para a investigação da pesquisa como para compor um inventário, anexado ao final da publicação, que procurou pôr em paralelo os projetos originais e o que deles foi efetivamente construído ou modificado.

Inauguram o estudo as edificações públicas construídas na capital catarinense a partir da década de 1930, edificações que oficialmente trouxeram a ideia do moderno para Florianópolis. Aqui, está em questão sobretudo o semblante moderno, cuja sobriedade e simplificação formal identificam a renovação da linguagem operada pelo moderno na cidade. Tal foi o caso, por exemplo, do prédio dos Correios e Telégrafos, construído em 1936 na capital, seguindo as sendas de um processo de estabelecimento de nova racionalidade administrativa nos governos nacional e estadual. A fachada dos Correios, com suas linhas retas e seu jogo sóbrio de volumes não ornamentados, o uso de pastilhas de ladrilho como revestimento e janelas basculantes para ventilação refletem esta nova racionalidade. Sua localização é não menos eloquente: na praça XV de novembro, confronta outros importantes monumentos municipais, de linguagem eclética: a seu lado a antiga Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu da Cidade de Florianópolis; do outro lado da praça a antiga sede do poder municipal, o Palácio Cruz e Souza, e, na cabeceira, em posição elevada, a catedral metropolitana.

Apesar do prédio dos Correios trazer na fachada o anseio de modernidade, marcando a imagem de uma capital que desejava a superação de um passado colonial de marcas ainda evidentes na imagem urbana, não foi pela via dos monumentos públicos que Florianópolis mais manifestou esse desejo. As edificações particulares, sobretudo as de viés popular, sobrados e casas de porta-e-janela, consistem na maior parte das referências a esta sensibilidade moderna.

Tais edificações populares Déco expressam modismos estéticos propagados pelos meios de comunicação à época: uma rica gramática de grafismos que evidenciam um desejo de modernidade que se expressava a partir destes rostos urbanos, ou melhor máscaras. A pesquisa procurou trabalhar com esse Déco popular na condição de máscara, rosto urbano cuja imagem aparente se dirigia ao futuro, mas cujas sombras, os vazios dos buracos de rostos apontavam para a antiga condição “atrasada”, marginal, de uma capital do século XX ainda com aspecto de vila. Aqui, a condição ornamental própria do Déco se consagra na medida do seu artifício: a análise dos projetos da SUSP permitiu-nos constatar que a imagem destas pequenas casas consiste mais em singelas reformas de antigas fachadas

coloniais, que trazem, fora a platibanda escondendo o tradicional telhado, uma geometria ornamental abstrata, que por vezes repetem ou apenas simplificam a grafia colonial.



Fachada principal de sobrado na rua Saldanha Marinho, esquina com a rua Tiradentes, em Florianópolis.

No entanto, apesar desta condição de máscara, há diferenças não só de escala entre o Déco popular e o monumental. Nota-se, nas casas de porta-e-janela e sobrado todo um colorido que destoa da sobriedade monocromática das edificações monumentais, pondo em relevo uma geometria não estritamente racional, mas sensível, que não somente aproxima Arquitetura e Artes Visuais, como também distingue uma condição própria latino-americana, na visão de Frederico de Moraes (MORAIS In PONTUAL, 1978). Isto não nos torna menos modernos, porém, indica talvez um anseio de modernidade que se expressa a partir de uma geometria feita com rigor, porém não rigorosa, uma geometria mais orgânica encontrada também, por exemplo, nas pinceladas soltas das bandeirinhas coloridas de Volpi, ou na irregularidade das grades das pinturas de Torres-Garcia. O Déco, seguindo o raciocínio de Frederico de Moraes, afina-se a certa “vontade construtiva” própria da arte latino-americana de um modo geral, mas expondo uma geometria de evidente aspecto sensível, como Fernanda Goulart propõe em sua abordagem do Déco como “lírica geometria decorativa”. É o que demonstraremos a seguir.

## **A cidade e sua lírica geometria decorativa**

*Em A cidade e sua lírica geometria decorativa* realizei consistiu em experimentações com imagens da arquitetura Art Déco de Belo Horizonte, com intuito de fazer delas disparadoras

de reflexões sobre a cultura popular e o modernismo brasileiros, bem como sobre as relações entre os campos da Arquitetura, do Design e das Artes. O registro e a análise gráfica das 700 casas mapeadas pela pesquisa estão dando origem a um livro de artista em forma de caixa, lúdica e interativa, portadora de uma série de impressos e experimentações que dissecam, em camadas gráficas e conceituais, a visualidade *Déco*, revelando suas facetas moderna, popular e primitiva. Com tiragem artesanal de 100 exemplares, a caixa/livro encontra-se em processo de criação e produção, e torna-se protótipo e vetor de experimentação das formas (da arquitetura e da memória) que possibilitam pensar sobre uma função possível para as Artes Gráficas: dar visibilidade ao patrimônio arquitetônico brasileiro. *Geometria decorativa* tensiona o caráter fronteiriço e experimental dessa tarefa, e autoriza-se a ser um laboratório de experimentação com as formas.

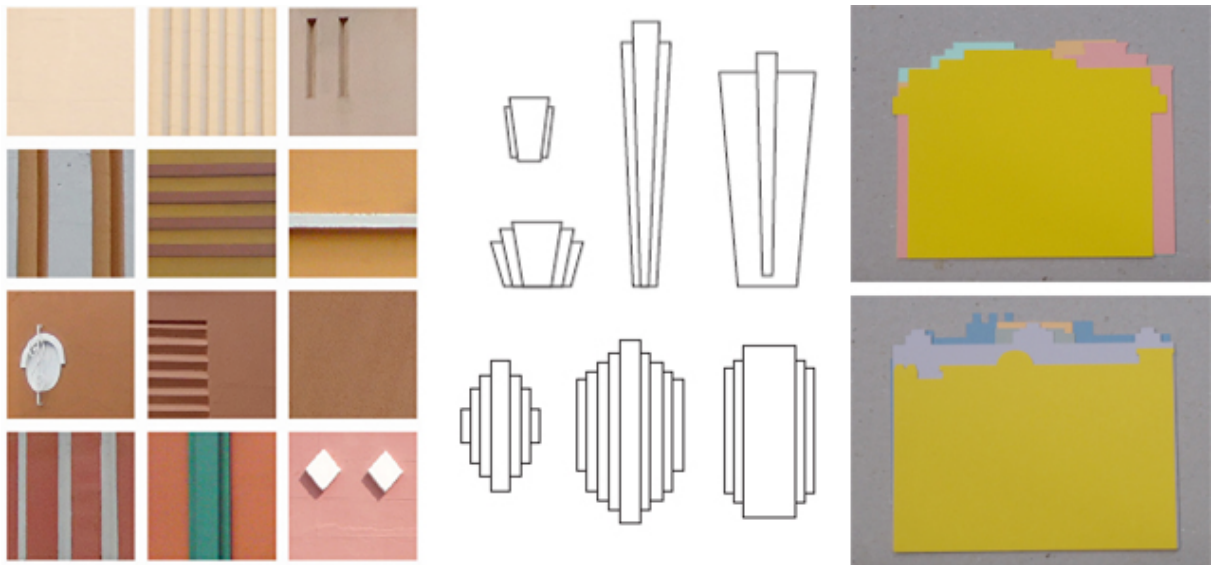
Ainda em construção, o projeto está sendo desenvolvido como um livro-objeto, composto por uma caixa de madeira que se fecha com uma tampa deslizante, muito comum em jogos de mesa, e comporta recortes, objetos, dobraduras, cartazes, livretos, fotografias e desenhos que são fruto de uma cuidadosa análise gráfica, capaz de transfigurar as composições originais das fachadas que a inspiram. Opera pela fragmentação e dissecação das composições encontradas, traduzindo volumetrias em planos e linhas, interpretando platibandas em recortes e planos de cor, sobrepondo desenhos de geografias e contornos distintos, (re)combinando visualidades. Trata-se de uma obra em processo, que preserva o lugar da artista que precisa que o pensamento venha da experiência de manipulação das imagens e materialidades. Uma caixa de fragmentos inspirados pela lógica intuitiva do *Déco Popular*, que vai sendo preenchida à medida que a pesquisa se desenvolve, acolhendo o acaso e o movimento gerado pelas perguntas que surgem a partir da prática artística. Minha intenção é oferecer ao leitor/espectador diferentes enquadramentos e formas de olhar, possibilitando - na soma, sobreposição e montagem de suas camadas - que as fachadas sejam vistas em sua complexidade formal. Com exceção das vinhetas que coroam e pontuam a composição em algumas edificações - traduzidas, no objeto, em um caderno de desenhos vetoriais -, os ornamentos presentes nas fachadas *Déco* não têm autonomia plástica para decorar outras superfícies - como seria de esperar com os ornamentos ecléticos que decoravam interiores e exteriores -, sendo, sozinhos, "apenas" fragmentos geométricos e abstratos que não operam pela lógica de uma gramática ornamental tradicional. Aliada ao caráter decorativo, uma outra espécie de autonomia (formal e em diálogo com a linguagem da pintura) impera, convidando-nos a refletir sobre a potência da criatividade popular, portadora de uma autonomia compositiva, com inteligência plástica em íntima conexão com a sensibilidade pictórica modernista.

Os artefatos presentes na caixa abordam uma diversidade de aspectos (fragmentos) gráficos do *Art Déco* de Belo Horizonte, que resumirei a seguir.

- Pequeno livro que apresenta 200 das 700 casas fotografadas, dando a ver sua pluralidade compositiva, especialmente conectada à dimensão popular. Nessa brochura estão encartadas algumas fichas que funcionam como abas de um arquivo, e que organizam o acervo de forma heterogênea, através de pares de categorias que explicitam algumas características observadas, tais como: típicas, atípicas, simétricas, assimétricas, comerciais, domésticas, coloridas, monocromáticas, singulares, degradadas, cegas, divididas, texturizadas, revestidas, alteradas, detalhadas, flutuantes, decoradas. Ali podemos conferir algumas interferências e intervenções realizadas posteriormente, pelos moradores e comerciantes, tais como revestimentos cerâmicos, portas e janelas cegas ou menores que as originais, puxadinhos, pinturas figurativas, toldos, telhados aparentes, letreiros, bem como a degradação a que estão submetidas grande parte das fachadas, com mofo, tintas descascadas, pixações e abandono.
- Conjunto de minúsculos bloquinhos mostra, como um flip book, um inventário de manifestações cromáticas obtidas de fragmentos que reunidos se assemelham a uma escala comercial de cores e tintas;
- Livreto grampeado contém páginas coloridas com os perfis de várias platibandas recortadas digitalmente, e que, dobradas e sobrepostas umas às outras, dão a ver múltiplas silhuetas distribuídas em combinações sempre originais em cada caixa;
- Poster, gizes coloridos e um jogo de traca-traca feito em papel e fitas ressignificam a diversidade e dinamismo das linhas em relevo (elemento preponderante desse tipo de construção) dispostas paralela e horizontalmente nas fachadas e nas peças;
- Folder traz impressos e em desenho vetorial outros elementos gráficos das superfícies *Déco*, tais como grades ornamentais, calçadas portuguesas, ladrilhos hidráulicos e letreiros em concreto e ferro que nomeiam os edifícios;
- Encadernação costurada traz um inventário em desenho vetorial e *outline* de vinhetas, elementos típicos do *Déco* oficial, que possuem pregnância e autonomia gráfica;
- Conjunto de páginas dobradas comunicam, através de veladuras de cor em serigrafia, a ausência do estilo no primeiro andar de alguns sobrados, que só

possuem portas comerciais e reservam ao segundo andar toda a dimensão decorativa;

- Pequeno poster mostra desenhos de fachadas de galpões, incluindo extintos cinemas públicos, e uma diversidade de nomes de estabelecimentos comerciais que estavam em atividade na Belo Horizonte dos anos 40;



Algumas imagens presentes em *A cidade e sua lírica geometria decorativa*

Tenho nomeado os gestos que realizei em *Geometria Decorativa* como operações de transfiguração. Com essa definição, encontro ressonâncias nas reflexões de Paul Ricoeur, quando, em seu texto "A arquitetura como narrativa", o autor se refere ao trabalho da memória como uma "reconstrução", em oposição à "repetição". O autor também se refere ao gesto de "refiguração", um componente correspondente à leitura da narrativa que há nas cidades, defendendo que revelar o esquecido ou o não-visto é também transformá-lo. Importa aqui fazer referência ao conceito de montagem, gesto metodológico, literário e gráfico-visual benjaminiano e warburgiano, tão caro aos artistas que se aventuram no território do livro e do arquivo. Para Ana Maria Guash (2011), o método da montagem implica em condições de heterogeneidade e descontinuidade, e é fruto da paixão pelo fragmento, por combinar imagens e sentidos. Estes são sentidos e noções muito apropriados à temática urbana, expressão de uma diversidade de tempos e experiências que, em sua dinâmica estruturante, desafiam os métodos de preservação comumente aplicados ao patrimônio histórico e cultural.

## Documentos vivos

Esmagado entre a expressividade histórica do Ecletismo e a autenticidade ousada do Modernismo, o *Déco* foi visto por muitos pesquisadores, durante muito tempo, como menos importante, uma mera máscara de antigas volumetrias, uma arquitetura a serviço do poder. Se temos visto que, nos últimos trinta anos, essa realidade acadêmica mudou - pelo menos nas linhas de pesquisa que integram o campo da Arquitetura - e se podemos encontrar inúmeras pesquisas e iniciativas regionais de valorização dos acervos mais expressivos do país, o mesmo não se pode dizer a respeito das investigações sobre sua vertente popular, que muitas vezes ocupam apenas uma parte/capítulo das teses sobre arquitetura. Nas Artes, ademais, são raríssimas essas iniciativas, outro fator que terminou por nos aproximar.

É possível dizer que, na prática de preservação das arquiteturas nas cidades contemporâneas, a *imago urbis*, de um modo geral, segue uma lógica da “civildade e herança ilustre”, tal como a *imago picturas*, máscara mortuária colocada no umbral das residências romanas para ressaltar a dignidade do pai de família e valorizar o culto cívico. Ressalta a memória dos cidadãos mais ilustres, que dignificaram a história da cidade, deixando para posteridade seus feitos. O que dizer então desses rostos anônimos das edificações populares *Déco*? Estas máscaras urbanas, cujo disfarce moderno não esconde o passado colonial e de uma memória de certa formatalvez até perdida em muitas cidades? Se no olhar que direcionamos às cidades sobrevive a lógica de valores como novidade, excepcionalidade e integridade, que dizer destas arquiteturas que seguem padrões muitas vezes repetitivos, e que por vezes são utilizadas como suportes de outdoors, tendo sofridos reformas e modificações de seu aspecto original?

Reconhecemos a impossibilidade, ou melhor, dificuldade, de preservar todo ou grande parte desse acervo. No entanto, como nossas pesquisas permitem constatar, o inventário mostrou-se como alternativa válida para preservação das memórias associadas a essas arquiteturas, dentre elas sua memória gráfica. No caso do livro *A persistência dos rastros*, essa memória está garantida por seu potencial editorial de distribuição. Por sua vez, o projeto *A cidade e sua lírica geometria decorativa*, mesmo ainda em curso, nos permite constatar que podemos guardar, performatizar e comunicar a perenidade da arquitetura não apenas sob a lógica ordenadora e duradoura do arquivo, mas das orientações vivas dos repertórios que lhe deram origem. A arquitetura do livro de artista pode ser uma forma ativa e agenciadora de musear, trazendo "ao vivo" a memória incorporada da arquitetura. Folheá-lo, ler seus desenhos, tatear sua materialidade são também formas de conferir aos ornamentos e

elementos da criatividade moderna, construtiva e tão brasileira Art Déco, não uma sobrevida, mas uma outra vida. A materialidade experimental e gráfica do museu-livro-inventário, aliada à lógica aberta do fragmento, da montagem, pode ser propagadora de sua função epistemológica, reinventando e reencenando seu caráter arquivístico e documental.

## Referências Bibliográficas

GOULART, Fernanda. *Urbano ornamento: um diálogo singular entre arquitetura e artes gráficas a partir dos grades de ferro ornamentais em Belo Horizonte*. Seminário Nacional Documentação do Patrimônio Arquitetônico com Uso de Tecnologias Digitais. Salvador/BA. 2010.

GOULART, Fernanda. *Inventário de grades ornamentais em Belo Horizonte – breve relato sobre um amplo projeto*. ArqDoc 2014 informação e conhecimento para preservação.

GOULART, Fernanda. *Urbano Ornamento: um inventário de grades ornamentais em Belo Horizonte (e outras belezas)*. 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais (NPGAU/UFMG), Belo Horizonte, 2014.

GUASCH, Anna Maria. *Arte y archivo, 1920-2010*. Genealogías, tipologías y discontinuidades. Madrid: Akal/Arte Contemporáneo, 2011.

VIANA, Alice de O. *A Persistência dos Rastros: Manifestações do Art Déco na Arquitetura de Florianópolis*. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de PósGraduação em Artes Visuais, Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC), Florianópolis, 2008.

MORAIS, Frederico. *A vocação construtiva da arte latino-americana (mas o caos permanece)*. In: PONTUAL, Roberto (org.) América Latina, geometria sensível. RJ: Edições do Jornal do Brasil/GBM, 1978.

RICOEUR, Paul. *Arquitetura e Narratividade*. In: Urbanism, n. 303, nov./dez. 1988, pp. 44-51.

ROSSI, Lia Mônica. *Art Déco Sertanejo e uma revitalização possível: programa Campina Grande Déco*. Revista UFG / Julho 2010 / Ano XII nº 8

WEIMER, Günter. *O conceito de Art Déco*. Revista UFG / Julho 2010 / Ano XII nº 8.